

Crise do catolicismo atinge Brasil em cheio

Evasão crescente de fiéis brasileiros desafia a Igreja sob o comando do Papa Bento XVI

• Teólogos e pesquisadores debatem os desafios do Papa Bento XVI para conter a evasão de fiéis da Igreja no Brasil, país com maior número de católicos no mundo. Estudo recente revela que nos últimos 20 anos o número de católicos no Brasil diminuiu 14 pontos per-

centuais e, no ano 2000, apenas 74% da população se diziam católicos. Enquanto isso, igrejas pentecostais cresceram e o número dos sem religião aumentou. Ontem, na frente de 4 mil jornalistas, Bento XVI prometeu manter um diálogo constante com a mídia.

Página 35



Missão para a Igreja de Bento XVI

Estudiosos debatem evasão de fiéis e fissuras religiosas no maior país católico do mundo

Fábio Juppá, Felipe Awi,
Paula Autran e Toni Marques

Muitos consideram que um dos maiores problemas a serem enfrentados pelo Papa Bento XVI é a perda de fiéis na Europa, o continente a partir do qual o cristianismo se espalhou pelo mundo. Mas no Brasil, o maior país católico do planeta, fissuras religiosas já podem ser sentidas. Nos últimos anos, o ateísmo vem crescendo, num movimento que só não preocupa mais a Santa Sé do que as derrotas que tem sofrido para as igrejas pentecostais.

Para teólogos e pesquisadores da religião, a evasão de fiéis da Igreja Católica no país tornou-se inevitável num mundo globalizado, onde há uma maior circulação de idéias.

Segundo o cientista político Cesar Romero Jacob, um dos autores do "Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil", lançado em 2003, o país, que em 1900 tinha 99% de católicos, chegou a 1980 com 89%. Uma queda suave de dez pontos percentuais em sessenta anos. De lá para 2000, no entanto, o número de católicos caiu 15 pontos.

— O pluralismo é inevitável no mundo de hoje, mas a velocidade de evasão passou, em média, de um ponto percentual por década a um ponto percentual por ano — diz Jacob, que identifica uma maior intensidade do fenômeno em estados do Norte e do Centro-Oeste, nos municípios das periferias de capitais e nos bairros populares das capitais. — Paradoxalmente, é justamente nos lugares mais carentes que a igreja, que optou pelos pobres, mais perde fiéis. Eles se tornam evangélicos pentecostais e pessoas que se dizem sem religião.

CEBs e carismáticos atraem fiéis

• O Centro de Políticas Sociais (CPS) do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas divulgou semana passada a pesquisa "Diversidade: retrato das religiões no Brasil", baseada no Censo de 2000. O Brasil tinha 126 milhões de católicos, mas estes eram só 74% da população. O número parece grande, mas, 69 anos antes, eram de 95%.

A queda foi de 0,33% por ano. Porém, nos 20 últimos anos que ela se agravou, caindo 14 pontos percentuais. No mesmo período, o número de pessoas que se declararam evangélicas aumentou nove pontos percentuais e o que dizem não ter religião, cinco pontos. De modo significativo, neste período o Papa João Paulo II esteve no Brasil em 1980, 1991 e 1997.

Para conter a queda, o sociólogo Alberto Gomes acredita que a igreja deve se preparar em receber migrantes que vêm de áreas rurais.

— Ainda existe uma estrutura nua na igreja que não é capaz de deixar o fiel à vontade. Nas igrejas evangélicas, com uma estrutura menor, as pessoas se sentem acolhidas — sustenta ele, acrescentando serem as comunidades eclesiais de base (CEBs) e os grupos da Renovação Carismática os movimentos católicos que conseguem diminuir este distanciamento.

Uma agitada gangorra de sentimentos e valores

Evangélicos conquistam ex-católicos com discurso do afeto; Igreja atrai jovens apegados à tradição



LÚCIA CHIELE: "Não há como voltar. Encontrei pessoas que querem compartilhar e, como um rebanho, têm um pastor"

Quando o consolo leva à conversão

• Nascida numa família católica tradicional, a carioca Lúcia Chiele, de 71 anos, foi batizada, fez primeira comunhão e comungou durante quase toda a vida nas missas da mesma igreja católica, dentro do Palácio Guanabara, em Laranjeiras. Há 15 anos, no entanto, converteu-se ao protestantismo e passou a frequentar a Comunidade Presbiteriana da Barra, bairro onde mora. O motivo pelo qual Lúcia migrou da parcela de 89,19% de católicos do país na década de 90 para ingressar num grupo até então de 6,55% evangélicos ela resume em uma frase: "Naqueles anos todos, nunca me perguntaram como eu estava".

Na ocasião, Lúcia acabara de perder um filho de 17 anos, estudante de economia, num acidente de pesca em Fernando de Noronha.

— Em pouco tempo, perdi minha mãe, minha irmã e, repentinamente, meu filho. Achei que era normal que alguém viesse me perguntar: "Como você está, irma?". Até que umas amigas, também ex-católicas que estudavam o Evangelho, me mostraram a palavra de Deus. Na Igreja Presbiteriana encontrei consolo e amor — conta ela, a única convertida da família, que convive com marido, filhos e netos católicos, pouco praticantes.

Aluna do Instituto Metodista Bennett na infância, Lúcia relembra que na época apenas conheceu o Evangelho. Agora estuda e professa a religião presbiteriana, mas acredita que, filosoficamente, a mudança de religião não mudou seus conceitos.

— A palavra de Deus é clara. Há coisas imutáveis. O casamento, por exemplo, é por toda a vida — diz.

Lúcia acha acertada a eleição de Joseph Ratzinger, pois crê que ele seguirá o caminho de João Paulo II, que ela admirava. Ainda assim, não imagina que qualquer esforço de Bento XVI possa levá-la de volta.

— Ainda tenho carinho pela Igreja Católica, mas não há como voltar. Encontrei pessoas que quero compartilhar e, como um rebanho, têm um pastor — diz ela.

Jovens do Rio de Janeiro formam escudo para o conservadorismo

• A noite da última terça-feira foi festiva para o estudante Mário Oliveira, de 23 anos, e mais sete amigos. Eles se encontraram numa churrascaria na Tijuca para comemorar a eleição de Joseph Ratzinger como Papa. Todos pertencem à ONG Ação pela Família, que defende os valores tradicionais das relações familiares. Não têm qualquer divergência com o que prega Bento XVI, considerado um conservador em aspectos comportamentais, como a condenação do aborto e de contraceptivos.

Mário e os amigos criaram a ONG no ano passado, pouco depois de o deputado estadual Gilberto Palmares (PT) propor a criação do Dia do Orgulho Gay Indignados, foram à Assembleia Legislativa e se reuniram com deputados para tentar veto o projeto-de-lei.

— Não é certo criar o Dia do Orgulho Gay quando ainda não há o Dia do Pai de Família, por exemplo. Não aceitamos a ditadura do homossexualismo — afirma Mário.

A ONG também combate o projeto que prevê a proibição de imagens religiosas em repartições públicas,



MÁRIO OLIVEIRA: "Não aceitamos a ditadura do homossexualismo"

mas não são apenas questões coletivas que mobilizam estes jovens católicos, que, segundo a pesquisa da FGV, são cada vez menos numerosos. Eles optaram pela castidade até o casamento, por exemplo. Criado numa família católica, Mário conta que viveu um período "desligado" a partir dos 16 anos, mas se converteu ideo-

logicamente aos 18, mesmo tendo de abrir mão de algumas liberdades.

— Sei que somos exceções. Mas um atleta não tem de evitar certos exageros para jogar bem? — diz.

A escolha de Bento XVI agradou: — Tinhamos medo de que a Igreja se desviesse. Foi uma escolha iluminada pelo Espírito Santo — diz.

com novas demandas, como a questão pastoral, a tentativa de diminuir os conflitos sociais, a violência, e fomentar novas espiritualidades.

De acordo com a pesquisadora Regina Novais, do Instituto Social de Estudos Religiosos, é preciso ter em mente que a equação "mais pobreza é igual a mais evangélicos" não é in-

teramente verdadeira.

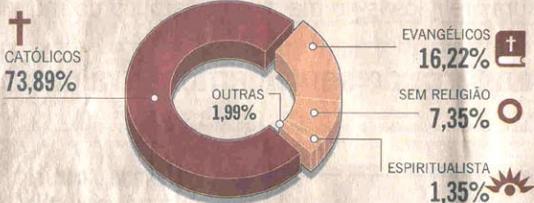
— É verdade que o catolicismo ainda enfraquecido em municípios carentes, como Quincadas. Mas vale lembrar que foi em áreas pobres do Nordeste que mais cresceram as comunidades religiosas de base. Em alguns estados, daquela região, o que há de mais arraigado no catolicismo convi-

ve com as experiências mais progressistas — observa Regina.

A pesquisadora crê que o fato de o Rio ser estado com mais pessoas que se declararam sem religião (15,76%) pode ser creditado ao seu caráter cosmopolita, que propicia uma circulação ainda maior de idéias do que no resto do país. ■

Retrato da religião no Brasil

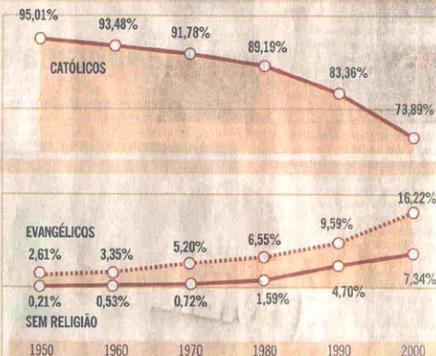
AS RELIGIÕES NO BRASIL



Distribuição



Evolução em 50 anos



Por sexo

74,37% dos homens são católicos
73,43% das mulheres também seguem a religião

CATÓLICOS

MAIS CATÓLICOS

Piauí	90,03%
Ceará	86,70%
Paraná	84,94%
Rio Grande do Norte	83,77%
Maranhão	82,60%

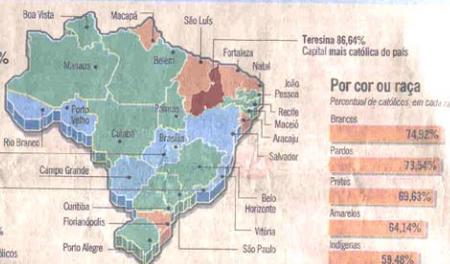
MENOS CATÓLICOS

ESTADOS

Rio de Janeiro	56,19%
Rorondônia	57,61%
Espírito Santo	63,23%
Distrito Federal	66,62%
Roraima	66,78%

MUNICÍPIOS

Nova Roma do Sul (RS)	100%	Araribá (SC)	12,07%
Nova Alvorada (RS)	100%	Nova Itabá (BA)	16,02%
União da Serra (RS)	100%	Quinze de Novembro (RS)	19,63%
Vespasiano Correa (RS)	100%	Sla. Maria do Jetibá (ES)	20,38%
S. Domingos do Sul (RS)	99,83%	Sen. Salgado Filho (RS)	22,24%



EVANGÉLICOS

MAIS EVANGÉLICOS

Rorondônia	27,19%
Espírito Santo	24,96%
Roraima	22,49%
Rio de Janeiro	21,98%
Amazonas	21,07%

MENOS EVANGÉLICOS

ESTADOS

Piauí	6,01%
Sergipe	7,27%
Ceará	8,25%
Paraná	8,80%
Rio Grande do Norte	8,92%

MUNICÍPIOS MAIS EVANGÉLICOS

Quinze de Novembro (RS)	80,37%
Araribá (SC)	80,17%
Santa Maria de Jetibá (ES)	77,86%
Senador Salgado Filho (RS)	76,19%
Linha Nova (RS)	73,59%

SEM RELIGIÃO

ESTADOS MAIS SEM RELIGIÃO

Rio de Janeiro	15,76%
Rorondônia	12,70%
Bahia	11,39%
Alagoas	9,80%
Acre	9,70%

MUNICÍPIOS MAIS SEM RELIGIÃO

Nova Itabá (BA)	59,85%
Pitimbú (PB)	42,44%
Ctuf (RS)	38,51%
Joaquim Gomes (AL)	35,92%
São Miguel dos Milagres (AL)	35,22%

Capitais

Teressina	3,38%
Capital com menor número dos que não têm religião	
Salvador	18,14%
Capital com maior número dos que não têm religião	
Rio de Janeiro	13,33%
Segunda maior número dos que não têm religião	

OUTRAS RELIGIÕES

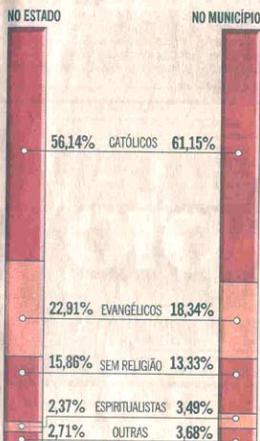
MUNICÍPIOS MAIS ESPIRITUALISTAS

Palmeiro (GO)	42,10%
Professor Jamil (GO)	24,98%
Pratinha (MG)	21,12%
Itaoca (SP)	19,62%
Campo Florido (MG)	17,94%

MUNICÍPIOS COM MAIS PRATICANTES DE RELIGIÕES ORIENTAIS

Assai (PR)	3,80%
Chuí (RS)	3,02%
Mirandópolis (SP)	2,70%
Sertãozinho (PR)	2,58%
Bastos (SP)	2,34%

NO RIO DE JANEIRO



AS RELIGIÕES NOS BAIRROS

